

## Afinal Deus se arrepende?

### 1. Introdução.

A maioria dos teólogos cristãos tem afirmado que Deus é imutável. Em apoio a esta doutrina muitas vezes são citadas várias passagens do Antigo Testamento, como:

**Números 23:19.** Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa; porventura diria ele, e não o faria? Ou falaria, e não o confirmaria?

**1 Samuel 15:29.** E também aquele que é a Força de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem para que se arrependa.

**Salmo 110:4.** Jurou o Senhor, e não se arrependerá: tu és um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque.

No entanto, muitas outras passagens do Antigo Testamento, afirmam que Deus normalmente “muda de ideia” ou “arrepende-se” conforme as seguintes passagens:

**Gen 6:6.** Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração.

**Êx 32:14.** Então o Senhor arrependeu-se do mal que dissera que havia de fazer ao seu povo.

**Jer 18: 5-10.** ...se a tal nação, contra a qual falar, se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe (V.8).

**Joel 2:13.** E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao SENHOR, vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em beneficência e se arrepende do mal.

**Jon 3:10.** E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha anunciado lhes faria, e não o fez.

**Jon 4: 2...** pois sabia que és Deus compassivo e misericordioso, longânimo e grande em benignidade, e que te arrependes do mal.

**Amós 7: 3, 6.** Então, o Senhor se arrependeu disso. Não acontecerá, disse o Senhor.

Ou pelo menos assumi que Ele muda segundo as seguintes passagens:

**Jer 26: 3.** e eu me arrependo do mal que intento fazer-lhes por causa da maldade das suas ações.

**Jon 3: 9.** Quem sabe se se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos?

Como resolver esta aparente contradição? Alguns dizem que os textos devem ser considerados como “antropomórficos” ou “antropopáticos,” mas atestar apenas isso não se torna uma solução.<sup>1</sup>

## 2. Definição Etimológica.

Em todos estes casos “arrepender-se” ou “mudar a mente” é a tradução da raiz verbal do tronco *Nifal* ou *Hitpael* de נָחַם e para resolver o problema nada mais justo analisar o vocábulo hebraico. O vocábulo hebraico נָחַם no tronco *Piel* relata o significado de “confortar”, já no tronco *Hifil* e *Hitpael* o significado de “encontrar consolação,” “lamentar,” “remorso,” “tristeza,” etc.

O *Ugarítico* relata a forma *mn̄hm* o mesmo que *munahimu* e *yn̄hm* = *yanhamu*.<sup>2</sup> Já o *Amorita* registra a forma *na/uḥm*, *niḥmatum*.<sup>3</sup> No tronco *Nifal* o vocábulo é atestado por 48 vezes com os seguintes significados:

a) “Se arrepender” conforme as seguintes passagens: Ex 13:17; 1Sam 15:29; Jr 4:28; 15:6; 20:16; Ez 24:14; Joel 2:14; Jon 3:9; Zac 8:14; Sal 106:45; 110:4.

b) Existe a forma נָחַם עַל que significa “lamentar algo”, conforme as seguintes passagens: Ex 32:12,14; Is 57:6; Jr 8:6; 18:8,10; Joel 2:13; Am 7:3,6; Jon 3:10: 4:2.

No tronco *Hitpael* se tem os seguintes significados: “entristecer-se por,” “mudar de ideia” conforme as seguintes passagens: Nu 23:19; Dt 32:36; Sal 135:14.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup>Stephen Charnock, *Discourses upon the Existence and Attributes of God*, 2 vols. (reprint, Grand Rapids: Baker, 1979), 1:340-41. For a survey of the history of interpretation on this subject, see Lester J. Kuyper, “The Suffering and the Repentance of God,” *Scottish Journal of Theology* 22 (1969): 262-68.

<sup>2</sup>Gordon *Textbook* §19:1634; Aistleitner 1770, PRU 3:261a, EA in VAB 2:1562; Campbell in BA 23; 16ff

<sup>3</sup>Noth *Welt* 213; Huffmon *Amorite* 1ff; Bauer *Ostkan*, 237f

<sup>4</sup>Koehler, Ludwig; Baumgartner, Walter; Richardson, M.E.J.; Stamm, Johann Jakob: *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden; New York: E.J. Brill, 1999, c1994-1996, S. 688.

### 3. Análise textual.

**Números 23:19.** Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa; porventura diria ele, e não o faria? Ou falaria, e não o confirmaria?

O oráculo, como tal, fala da presença de Deus com o seu povo (v. 21) e sua invencibilidade através do seu poder (v 22-24). Diversos fatores apontam para a natureza incondicional deste oráculo.

O oráculo é designado abençoar e não amaldiçoar. Balaão reconhecia o caráter inalterável da bênção e não poderia alterá-la através de uma feitiçaria ou adivinhação.

Esta bênção, é uma extensão da promessa incondicional do Senhor para a descendência de Abraão (Gn 15:16; 17: 8; 22:17), e, portanto, compartilha a qualidade de ligação dessa promessa.<sup>5</sup> A fala que Balaão afirma que Deus não iria mudar de ideia ou mentir, marca formalmente a bênção como um decreto.

O verbo בִּרְצֵנִי aqui nesse contexto se refere como Deus age normalmente quando é feito um decreto, o princípio aqui se aplica a bênção.<sup>6</sup>

**1 Samuel 15:29.** E também aquele que é a Força de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem para que se arrependa.

Saul não conseguiu destruir os amalequitas, Samuel repreendeu-o por sua rebelião e declarou que o Senhor lhe havia rejeitado como rei (1 Sam 15:23). Saul implorou por perdão, mas Samuel repetiu a decisão do Senhor (vv24-26). Samuel, em seguida, acrescenta as seguintes palavras: “O Senhor tem rasgado o reino de Israel de você hoje, e tem dado ao teu próximo, que é melhor do que você. Também a força de Israel não mente nem se arrepende; pois Ele não é um homem para que se arrependa” (v 28-29).

Qual é a relação entre a pronúncia registrada em 1 Samuel 13: 13-14 e o decreto em 15:29? Duas opções parecem possíveis. Em primeiro lugar, talvez a profecia no capítulo 13 refere-se apenas a dinastia de Saul (a dupla referência ao “reino” de Saul pode significar sua dinastia, conforme o uso do termo em 2 Sam 7:16), enquanto o capítulo 15 se refere especificamente a Saul como a pessoa que reinar sobre Israel (Ele te rejeitou como rei nos v 23 e 26).<sup>7</sup> Neste caso, a profecia anterior não necessariamente tornar-se incondicional aqui.

Em segundo lugar, é possível que ambos 1 Samuel 13: 13-14 e 15:29 dizem respeito a Saul pessoalmente. Neste caso, o primeiro discurso poderia ser um decreto informal com o segundo discurso simplesmente esclarecendo a ambiguidade anteriormente. No entanto, se ambos os discursos referem-se a Saul, é mais provável que a primeira declaração era um anúncio implicitamente condicional e que a condenação de Saul não foi selada até o segundo discurso.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> Juramento de Deus a Abraão é chamado de uma “bênção” em Gn. 28: 4

<sup>6</sup> Este mesmo sentido se vê no Salmo 89:35, onde Deus decretou uma bênção.

<sup>7</sup> Bruce C. Birch, *The Rise of the Israelite Monarchy: The Growth and Development of I Samuel 7-15* (Missoula, MT: Scholars, 1976), 82-83, 102-3.

<sup>8</sup> Diana V. Edelman, *King Saul in the Historiography of Judah* (Sheffield: JSOT, 1991),103-4.

Vários fatores apoiam esta visão. (1) Davi substituiu Saul depois do segundo discurso (1 Sam. 16). (2) Também a declaração do Senhor em 1 Samuel 15:11 e a resposta de Samuel sugere que a advertência anterior para Saul não tinha sido definitiva.<sup>9</sup> Se o destino de Saul já tinha sido decretado, por que o profeta passou a noite inteira clamando por Deus? (3) A presença do vocábulo “hoje” no segundo discurso de Samuel indica que a decisão de Deus foi finalizada nesse ponto, não antes.

#### **Salmo 110:4**

Nesta passagem, o Senhor fez um juramento de que o rei Davi ocuparia um status real-sacerdotal especial, muito parecido com o de Melquisedeque, o antigo rei de Salém.

A declaração de que Deus não vai mudar sua mente, ou retraindo Sua declaração, refere-se claramente ao pronunciamento específico que se segue e, em conjunto com a referência a um juramento, assinala a declaração como um decreto.

**Ex 32.12,14.** Por que hão de falar os egípcios, dizendo: Para mal os tirou, para matá-los nos montes e para destruí-los da face da terra? Torna-te da ira do teu furor e arrepende-te deste mal contra o teu povo. Então, o SENHOR arrependeu-se do mal que dissera que havia de fazer ao seu povo.

Quando Deus viu os israelitas adorando o bezerro de ouro, ele com raiva anunciou a Moisés sua intenção de destruir o povo e levantar uma nova nação por meio de Moisés (Ex 32.10). O formula da declaração é a seguinte imperativo + jussivo + coortativo + coortativo, isso indica que não é um decreto, mas uma expressão de frustração de Deus com o seu povo. Na verdade, isto é exatamente o que aconteceu (v. 11- 14). Moisés apela a Deus (O que pensarão os egípcios?) e lembrou de seu decreto incondicional aos patriarcas (v. 13). O versículo 14 declara que Deus, de fato, mudou de ideia. E assim Moisés foi capaz de ter sucesso, porque Deus só tinha ameaçado com juízo, mas não decretado.<sup>10</sup>

**Amós 7:3,6.** Então, o Senhor se arrependeu disso. Não acontecerá, disse o Senhor.V.6. E o Senhor se arrependeu disso. Também não acontecerá, disse o Senhor Deus.

Amós registra um caso semelhante de intercessão profética. O Senhor mostrou a Amós duas visões de julgamento que ele estava planejando contra Israel (v 1-6). Depois de ver as visões, Amós pediu ao Senhor para ser misericordioso. Em ambos os casos, o Senhor se arrependeu do curso planejado da ação e anunciou que o julgamento não iria acontecer.

---

<sup>9</sup> A declaração no versículo 11 (também 35 v.), não contradiz o versículo 29, para o verbo **נָחַם** pois é usado em diferentes sentidos semânticos com variações neste capítulo. Nos versículos 11 e 35 refere-se a resposta de Deus à desobediência de Saul que por sua vez o levou ao destino decretado. Na verso 29, a palavra é negada e utilizado no sentido de “retrair.” Aqui se refere ao decreto de Deus que Saul será substituído por outro. No primeiro caso se refere a uma ação passada; no outro, diz respeito a um curso futuro da ação (a rejeição de Saul como rei). Para uma linha de argumentação semelhante veja Philips Long, *The Reign and Rejection of King Saul* (Atlanta: Scholars, 1989), 163. Para uma variação semântica e críticas redacionais veja Kyle McCarter unnecessary (*1 Samuel*, Anchor Bible [Garden City, NY: Doubleday, 1980], 268).

<sup>10</sup> Terence E. Fretheim, *The Suffering of God* (Philadelphia: Fortress, 1984), 50-51.

Ele havia simplesmente mostrado a Amós duas visões, mas ainda não havia decretado um curso da ação. No entanto, a paciência de Deus pode se esgotar. Ele mostrou a Amós ainda uma terceira visão, que, em vez de retratar a destruição da nação convidou o profeta para refletir sobre a condição moral de Israel a partir da perspectiva de Deus. Tendo convencido seu profeta da necessidade do julgamento, Deus declara que ele “não passaria” mais por Israel (v. 8). Após compreender as palavras de Deus como um decreto, Amós não ofereceu nenhuma objeção.

**Jeremias 15:6; 18:8, 10; 26:3,13,19.**

Como já observado, Deus veio para o ponto onde Ele decretou através de Jeremias que o julgamento iria cair sobre Judá (Jer. 4:28). No entanto, Ele emitiu este decreto só depois de muitas advertências.

No início do reinado de Joaquim, Deus disse a Jeremias para proclamar a sua palavra no pátio do templo, na esperança de que o povo se arrependesse. Ele declarou: Bem pode ser que ouçam e se convertam, cada um do seu mau caminho; então, me arrependerei do mal que intento fazer-lhes por causa da maldade das suas ações (Jer. 26: 3).

Quando o povo ameaçou matar Jeremias, o profeta exortou-os novamente a arrepender-se e mais uma vez prometeu-lhes que Deus iria retrair o anúncio do juízo (v. 13). Alguns dos anciãos se adiantaram e lembraram ao povo que Deus havia retraído tal anúncio nos dias de Ezequias, e os que ouviram as palavras de Miquéias e arrependeram-se (cf. Mic 3:12. (Jer. 26: 17-19).

O princípio da mensagem de Jeremias e conselho dos anciãos é que Deus vai mudar de ideia a respeito de um curso indicado da ação, dependendo da resposta que recebe. Este princípio é articulado claramente em Jeremias 18: 7-10. Aqui o Senhor explica que uma nação pode evitar seu julgamento e ameaçada se eles se arrependerem quando confrontado com seu pecado. Em tais casos, Ele irá “ceder” e não provocar o desastre anunciado (v. 8). Por outro lado, se uma nação a quem Deus destina-se a mostrar aos seus pecados favor, Ele pode “reconsiderará” ( וַיִּחַמְתִּי v 10) e reterá a sua bênção.

Judá não respondeu ao chamado de Jeremias para o arrependimento (18:12), o Senhor decidiu julgar o seu povo, declarando que a intercessão profética, mesmo por esses defensores como Moisés e Samuel, não alteraria seu curso (15: 1 -5). Ele estava cansado de compaixão ( וְלֹאֲיִתִּי הַנְּחָם v. 6) e não mais adiar o julgamento.<sup>11</sup> O decreto do juízo em 4:28, formalizado pela declaração "Eu não vou ceder", deve ter esta decisão é posterior.

---

<sup>11</sup> Terence E. Fretheim, “The Repentance of God: A Study of Jeremiah 18:7-10,” *Hebrew Annual Review* 11(1987): 87.

**Joel 2:13-14.** E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao Senhor, vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em beneficência e se arrepende do mal. V.14. Quem sabe se se voltará, e se arrependerá, e deixará após si uma bênção, em oferta de manjar e libação para o Senhor, vosso Deus?

A praga de gafanhotos vivida pela geração de Joel era um prenúncio de um julgamento ainda mais devastador. O próprio Senhor estava liderando um exército de locustas para Judá, mas talvez o julgamento ainda pudesse ser evitado. Afinal, o próprio Senhor estava chamando seu povo ao arrependimento (Joel 2:12). Joel instou as pessoas a responder de forma adequada e encorajou-as com estas palavras: “Quem sabe se se voltará, e se arrependerá, e deixará após si uma bênção.” As pessoas aparentemente tinham tomado em consideração o conselho de Joel. Nos versículos subsequentes afirma-se que o Senhor, de fato, teve pena de seu povo (v. 18) e prometeu restaurar o que os gafanhotos tinham devorado (v. 19-26).

Esta passagem importante ilustra mais uma vez que Deus é capaz e disposto a retirar anúncios de julgamento. Além disso, no versículo 13 indica no estilo de credo que Deus se arrepende caracteristicamente de mandar anunciar de julgamento. A vontade de mudar sua mente está ligada com outros atributos divinos, como a sua graça, compaixão, paciência e amor.

### **Jonas 3:9-10; 4:2**

Embora o anúncio do julgamento de Nínive de Jonas parecia incondicional, ele foi acompanhado por nenhuma indicação formal que foi um decreto (3: 4). Por esta razão o rei de Nínive respondeu adequadamente na esperança de que o julgamento poderia ser evitado (v. 9). Como Joel disse: "Quem sabe se Deus voltará e se arrependerá, e retirará a sua ira ardente, para que não pereça?" Quando Deus viu a sinceridade dos ninivitas, Ele, de fato, mudou de ideia a respeito da calamidade anunciada (v. 10 ), para desgosto de Jonas. Com palavras quase idênticas às de Joel 2:13, ele observou que Deus é "um Deus clemente e compassivo, lento para a ira e grande em benignidade; e que se arrepende da calamidade" (4: 2).

### **Resumo.**

Em cada caso, a recusa de Deus em recolher uma declaração refere-se direta ou indiretamente a aplicação de um decreto específico identificado no contexto - Sua bênção a Israel de acordo com o pacto feito com Abraão, sua rejeição pela desobediência de Saul (1 Sam (Nm 23:19) 15:29), seu juramento para tornar o rei Davi um sacerdote real (Sl 110: 4), e sua decisão de julgar Judá (Jr 4:28; Ez 24:14; cf. Zc 8: 14). Cada passagem tem indicadores contextuais claros de que a declaração é incondicional. A afirmação de que Deus não vai mudar de ideia, marca formalmente a proclamação divina como um decreto.

O esboço ilustra os tipos de declarações divinas no Antigo Testamento: (a) decretos formais, (b) decretos não informais, (c) declarações explicitamente condicionais de intenção, (d) declarações não implicitamente condicional da intenção.

Portanto quando Deus emitiu um decreto, Ele não mudará sua mente ou desviará do mesmo. No entanto, a maioria das declarações de intenção de Deus não são decretos.

E Deus pode e muitas vezes se afasta de tais anúncios. Nestes casos, Ele “muda de ideia” no sentido de que Ele decide, pelo menos por enquanto, não fazer o que Ele havia planejado ou anunciado como sua intenção. Em suma a contradição haveria se fossem decretos incondicionais.